



Chronica de boa fazenda

A população portugueza teve um momento de verdadeiro jubilo nesta semana passada. Foi quando os jornaes publicaram os planos de fazenda do Sr. Anselmo d'Andrade.

Segundo a informação das folhas, que detalharam esses planos, via-se que tínhamos, finalmente, em cima, um ministro da Fazenda á devida altura das necessidades publicas.

O Sr. Anselmo d'Andrade emprehendia este arrojado projecto: alliviar as classes populares do demasiado peso que os seus antecessores dos ultimos cincoenta annos lhes haviam lançado sobre os hombros.

A contribuição de renda de casas extinguiu-se. Era uma vez o real d'agua. E empregados publicos que até agora viam cerceados os seus vencimentos de 10 por cento e mais, ou passavam a não ser cerceados em coisa alguma, ou apenas soffreriam um desconto calculado em percentagem muito supportavel.

Isto, no respeitante ás classes menos abastadas. Quanto ás outras, nem o Sr. Anselmo d'Andrade poderia mostrar-se mais equitativo, nem a essas classes poderia assistir o direito de se queixarem com razão.

Tudo era perfeitamente regulado, e todos os encargos em boa consciencia distribuidos.

De toda a parte do paiz choveram sobre a cabeça do Sr. Ministro da Fazenda felicitações e bençãos. E o Sr. Ministro da Fazenda, abrigando-se debaixo do seu grande guarda-chuva de modestia, deixava cair as bençãos, as felicitações e o granizo das troças, que não faltaram tambem. Emquanto todas as attenções, todas as curiosidades, todos os pasmos convergiam sobre o seu plano, o Sr. Anselmo d'Andrade conservava-se ao largo, todo encolhido, num outro plano...

Tinha-a fisgada!

Serenados os animos apóz esse primeiro sobresalto, e quando se começava a discutir pausadamente, artigo por artigo, já a sangue-frio, o modo por que o illustre estadista imaginava resolver o complicado problema financeiro, novo sobresalto, nova surpresa veio perturbar e desnorrear as opiniões.

Fez-se constar que entre os membros do Governo se levantavam dissidencias graves, determinadas pela attitude correcta do illustre titular da pasta da Fazenda, que, tendo communicado as suas idéas aos seus collegas no gabinete, não aceitava os côrtes e modificações que por elles haviam sido apontadas.

E soube-se então, positivamente, que o Sr. Anselmo d'Andrade se fincara nos seus tamancos, endireitara o pescoço, puzera o chapéu de côco na cabeça, e

declarara aos seus collegas o seguinte: — Que ou elles aceitavam o projecto tal como estava, ou elle sahia...

O paiz delirou então. O entusiasmo chegou a mais alto grau. E uma grande salva de palmas foi o echo das palavras tezas do Sr. Ministro da Fazenda.

—Ahi, valente!

A aura popular envolven nesse momento o nome do Sr. Anselmo d'Andrade, que muito antes de ser conselheiro da Corôa era já um grande talento, mas que pouca gente conhecia. A partir d'esse momento, o eminente auctor da *Terra* — que ninguém lera, porque em Portugal os livros bons ninguém lê — passava a disfructar todas as gratas regalias que o conceito publico só concederia ao primeiro ministro que tivesse a impagavel ideia de acabar com a contribuição de renda de casas, d'uma vez para sempre.

Ha oito dias que o Sr. Anselmo d'Andrade é o primeiro homem de Estado, o primeiro homem de letras, o primeiro homem de bem; o primeiro pensador, o primeiro economista, o primeiro poeta; o Primeiro de Janeiro, o Primeiro de Maio, o Primeiro de Dezembro!

Desvairado, Alcacer do Sal enviou ao Sr. Anselmo d'Andrade um telegramma de felicitações que era um torrão de assucar!

O Sr. Anselmo d'Andrade está na ordem do *Dia*, é o caso do *Dia*, é o santo do *Dia*.

E' Bismarek.

E' Cavour.

E' Burnay.



Aproveitando esta boa oportunidade para sair do Gabinete, deixando aos seus collegas o odioso de não terem consentido em collaborar com elle na salvação da patria, desgostoso dos homens e desilludido da politica, o Sr. Anselmo d'Andrade, despedindo-se do Governo, despede um verdadeiro golpe de mestre, e passa á historia.

A apparente guerra que as *Novidades* lhe declararam foi apenas uma risonha mystificação — porque não fizeram mais do que preparar a maravilhosa attitude em que o Sr. Anselmo d'Andrade se encontra.

Nem o real d'agua será supprimido; nem será suprimida a contribuição da renda de casas; nem o funcionalismo deixará de soffrer descontos. E, to tavia, quando o Sr. Anselmo d'Andrade voltar a apparecer na Baixa, a dar o seu passeio hygienico pela Rua do Ouro e Avenida, a população abrirá alas, respeitosa e attenta, para que S. Ex.^a passe, e apontará, dizendo:

—Ali vae o ministro que acabou com o real d'agua, com a contribuição da renda de casas, e com o imposto de rendimento aos empregados publicos!

Ninguém dirá que o *plano* não é admiravel!



ZÉ VITELIUS D'AZEVEDO

OPERA EM TRES PRESTAÇÕES

Letra de CAMBIO — Musica de CAMARA

2.º Acto — 2.ª Prestação

Scenário o mesmo do acto anterior para encurtar despezas
ao empregatário

SCENA 1.ª

Zé Vitelius e o Bacalhau

BACALHAU

Recitativo

Zé Vitelius, escuta:

Eu quero que tu t'antes!
E não consentirei jamais que me perguntes
Porque é que este desejo o meu ser todo invade
Desde a idade infantil á já propecta idade.
Eu não armo ao effeito; a Capital, bem sei,
Como um Sant'Antonioho como te parei,
Ha muito que te traz ás cavalleiras, cheio,
Porque ao burro Ambição pôes um projecto Freio!
Bem sei que vae bicudo o tempo e cheira a esturro,
Que esta coisa da carne é cara como burro
E que emfim é cruel que a popular moella
Só veja o rico a encher-se em carne p'rá panella!
Os estomagos têm direito igual nos bódos.
A carne quando nasce é p'rá chegar a todos
E a humanidade, qual viciosa Lagartixa,
Já não pôde passar sem muito boa chicha.
E bem sei igualmente e sem satisfação
Que n'uma altura tal da civilização
Quando o mundo caminha e o appetite augmenta
Vem a ganancia vil, voraz e fraudulenta
Qual animal feroz que o látego não dóma,
E diz á Capital:

Quer's lá mais figos?—Toma!

Comtudo é util vêr:

Lá porque o bife é caro
A costelleta exigua, o lombo muito raro;
Porque a cernelha está pela hora da morte
E o carniceiro faz inaccitavel córte
E dá gordura a mais n'um coiro muito grosso
Onde o que falta em fêbra é o que cresce em osso;
Lá porque e tal et cael'ra a carne está affectada,
Não devemos jámais gramal-a congelada,
Pois se crês que isso é bom, dir-tê-hei bem alto:
—E' mau!

(Pausa; o Bacalhau bebe agua e toma respiração).

Liga-se á ideia Carne a ideia Bacalhau.
Todo o bom comedor que em carne afogue o chilo
E goze de a chamar ao largo gorgomillo
Inteira, ás prestações, ou nos mil cozinhados
Com que ella delicia os paladar's provados,
Todo o bom comilão de chronica lazeira
Que adore no altar Prato a deusa Petisqueira,

Eu tenho como coisa assente e comprovada
Não resiste ao sabor d'uma bacalhoadá.

Portanto escuta-me isto:

Eu não consentirei,
Porque um Vitelius Zé traz na barriga o rei
E se arroga um Poder dentro d'outro Poder,
E faz o que não faz quem tenha que fazer,
Que esse Vitelius venha ousado e façanhudo
Com o ar de quem manda e já domina tudo
Encher de carne estranha a carne lisboeta,
Tendo cá um bacalhau que é mesmo de chupeta!

VITELIUS com ironia

Acabaste?

BACALHAU

Acabei!

VITELIUS

Pois já não vae sem tempo!
E apezar de não ter rimas aqui em *empo*,
Mais difficeis d'achar do que achar carne á venda,
Dir-te hei que me agradou a tua reprimenda
E que falas até por vezes de maneira
Que lembrás muito e muito o Padre Antonio Vieira!

(Com inesperada farronca).

Comtudo saberás, badejo vil e inutil
Que eu nunca despresei por uma arenga fútil,
Aquillo que uma vez pensei em resolver
Em carne ou bacalhau comido ou por comer!

BACALHAU

Quer's pois a guerra?

Seja! E então dir-te-hei tambem
Que opponho a guerra á guerra e o meu melhor desdem
Ao aprumo imbecil com que suppões fazer
Recuar o odio meu ao teu banal poder!
Zé Vitelius! Se a carne é fraca, põe-te a pau
Que o mesmo não dirás jamais do bacalhau!

VITELIUS

Ameaças-me?

BACALHAU

Sim!

VITELIUS (rapando da espada)

Pois põe-te em guarda vil!
Que vaes vêr como um bom governador civil
Esposteja e retalha a sanha d'um trambolho!

(Avançando)

Bacalhau! Para traz, que te vou pôr de molhe!

(O Bacalhau rapa d'uma espinha como o outro rapou da espada,
e a lucta começa).

SCENA 2.ª

Vitelius, Bacalhau, Batatas, Grellos, Ovos cozidos, Galheteiros
com azeite e vinagre, Alhos, Pimenta, etc.

Todos (menos Vitelius e Bacalhau), e depois de invadir
a sala tumultuariamente

Côro

Hurrah pelo nosso Bacalhau
Que lucta aqui como um catita
Contra Vitelius, o maráo,
Que só por carne se arrebital

(Cessa a lucta; Vitelius fica engasgado com a espinha, pedindo
pelo amor de Deus que lhe batam nas costas. O Bacalhau alça-
prema-se triumphante).

Côro

Viva sim, sim, o Bacalhau
Que ao Zé Vitelius 'stá de cima
E diz que é gaita o berimbau
A quem com elle assim esgrimal

VITELIUS (com desespero)

Rejubila a canalha co'a má sortel
Mas dixia o Bocage e com razão
Que soffrer-lhe um insulto é mais que a morte,
E lá soffrel-o é que não soffro, não!

(Gritando num supremo esforço).

O' Dias, capitão d'escura bóla!
Terror dos jacobinos façanhudo!
Albuquerque terribil, Castro Solla,
E outros p'ra quem o cabedal é tudo!
Accode e corre já, que se não corres,
Talvez te escreva e se te escrevo, morres!

(Apita furiosamente).

SCENA ULTIMA

Os mesmos, um capitão Dias e municipaes

MUNICIPAES — CÔRO

Que é isto aqui? o que foi isto?
Batatas são e luzidias!
Toca-se a rancho, pelo visto,
A ellas pois!—Viva, seu Dias!

(Atiram-se ás batatas e ao resto e chamam tudo a pa. Bacalhau
recúa, mas Vitelius segura-o por uma barbatana).

VITELIUS, triumphante, ao capitão

Aqui tens no que dão as valentias!
Leva-o e adeus!—Muito bons dias, Dias!

Cae o panno

FIM DO 2.º ACTO

(Continúa.)

TITO LITHO.

TERRA

A

MINISTERIO DA FAZENDA

TERRA



Escorregar é cair!

SABEDORIA DAS NAÇÕES



Interviews da «Parodia»

(Com o Sr. Conde de Restello)

Os ultimos acontecimentos nas sessões camararias despertaram-nos sete vontadinhas e outras tantas ganas de procurarmos o nobre Conde de Restello, para lhe sacarmos confidencias, opinioes e outras miudezas sobre os casos nunca d'antes dados no palacio do Pelourinho.

Confessamos que não foi sem um grande enleio que deitamos a unha ao cordão da campanha da porta da casa do Sr. de Restello. Nós, que temos entrevistado toda a gente, desde o Sr. Presidente do conselho de ministros até ao Sr. Presidente do conselho da administração da Companhia Real, que não são quaesquer bichos-caretas, o que não os impede de serem umas caretas de bichos muito rasoaveis; nós que nos temos defrontado com homens de alto lá com elles, e sujeitas de alto lá com e sem ellas, sentimo-nos tímido, acanhadissimo, rodando nas mãos a aba do chapéu, olhos no chão, faces ruborizadas, um nó na garganta, outro no lenço, e outro na gravata.



O nobre Presidente da Camara municipal pouco tardou em receber-nos.

— Sr. Conde, que pensa V. Ex.ª dos ultimos successos?

— Eu não penso nada.

— Ora essa!

— Ora essa, ora esta, ora aquella. Não penso nada, coisissima nenhuma.

— Todavia houve tumultos recentemente nos Paços do concelho.

— Houveram, houveram. Mas, simples sarrafuscas sem importancia. Minusculos incidentes que em nada perturbarão a rotação do planeta municipal na orbita que lhe foi naturalmente marcada pela astronomia administrativa.

— No entanto, diz se que o governo vae dissolver a Camara...

— Qual! Em primeiro lugar isso não é certo; e depois, quando o fosse, onde ia o governo buscar elementos para nos dissolver? E' o governo chimico? E' pharmaceutico? Ora a coisa é essa! Não é só dizer: vou dissolver! Onde vae o governo arranjar a agua distilada? E' muito boa!

— Ora, onde arranjava!... Em qualquer botica.

— Peço perdão, meu caro Sr., mas nas boticas não ha agua distillada!

— Essa, agora!

— Essa, agora, essa, logo. Não ha, e digolhe então mais: nunca houve!

— Mas na sua pharmacia...

— Oh meu caro Sr. detenha-se. Eu não posso ir mais longe. E' segredo profissional! (Pausa) Pharmaceuticamente falando, a Camara não carece de dissolução. O seu estado, que é de fraqueza, requer outro expediente. O remedio unico é a farinha pei-



toral de Franco e o vinho nutritivo de carne, do qual um decilitro regular equivale a um bife irregular, custando cada frasco 1.000 réis com desconto para o revendedor.

— Mas...

— Perdão! Caixas de 12 garrafas teem um abatimento de 20 por cento. Este medicamento, tão fortificante como agradável...

— Eu sei...

— Mau! Não sabe nada!... E' de facilissima digestão e póde ser tomado ao lunch com algumas boiachas ou acompanhando um caldo de farinha peitoral...

— Oh senhor!

— Irra... ferruginosa, á venda em todas as pharmacias e drogarias, e bem assim nas mais acreditadas mercearias do paiz.

A maneira de preparar as papas é mais singela, o contrario do que succede com a dobrada!

— Por Deus!

— Alimento leve para creanças e adultos de ambos os sexos, tambem é applicavel aos neutros, quando deixem entrar tropas por Lourenço Marques.

— Eu peço licença...



— Tivesse feito isso lá fóra. Agora, aguenta-se... Approvada pela Junta Consultiva de Saude Publica, um só pacote d'esta farinha equivale á substancia extrahida de uma junta de bois, ou seja, em justa equivalencia, a seis juntas de parochia.

— D'accordo...

— Tambem era o que faltava, que o Sr. não estivesse d'accordo! Ora, cada pacote tem um envoltorio de papel onde se lê o meu nome em pequenos circulos amarelos, da cor dos resultados fataes da ingestão das papas. As pessoas que d'ellas fizerem uso devem dar-se ao trabalho de verificar se a

cor da causa e do effeito é igual. Mesmo por medida de economia, porque em certos ca-



— Tivesse feito isso lá fóra. Agora, aguenta-se... Approvada pela Junta Consultiva de Saude Publica, um só pacote d'esta farinha equivale á substancia extrahida de uma junta de bois, ou seja, em justa equivalencia, a seis juntas de parochia.

sos o effeito pode aproveitar-se como causa. O Sr. percebe?

— Magnificamente.

— Não me parece, mas emfim... Olhe. Escute lá. Sabe que o José d'Azevedo tirou a carne á Camara, a qual Camara ficou como o Sr., que tambem é Camara, e está na espinha.

— Ossos do officio!

— Que sejam do officio ou não sejam, pouco importa. Não me interrompa! Tratamos de momentosa questão de carne! Deixe-me vender o meu peixe! Mas antes, quero dar-lhe um conselho. Trate-se, olhe pela saude. O Sr. precisa tomar a farinha e o vinho...

— Venda antes o seu peixe.



— Não seja malcreado e ouça. Ai, ai, que nós temos festa! (Pausa) Ouça: o Sr. está no osso. A si não se póde perguntar: Ha por ahí alguns ossos? Seria ironia pungente, porque o Sr. não tem outra coisa. Trate-se. Tome a farinha e o vinho. O mais que lhe posso fazer é um desconto de revendedor. (Aparte) Este meu coração! O que elle me tem prejudicado! Limpando uma lagrima. Commoção profunda. Um momento de silencio. Voltando á vacca fria, vem ahí, como sabe, vacca gelada por conta do Governo civil. Foi José d'Azevedo que a des cobriu em Buenos-Ayres, num dia em que foi a casa do José Luciano...

— Como assim... O José Luciano está na Argentina?

— Na Argentina! Ah! Ah! Ah! Na Anadia, homem. Não é Argentina, é Anadia.

— Mas Buenos-Ayres é na Argentina.

— E elle a dar-lhe! E' na Lapa, homem de Deus! Lá em cima, como quem vae para a Estrella. Então, não querem ver o méco!

(Neste momento a campanha do telephone chama. O Sr. Conde corre apressado ao aparelho. Trocam-se algumas palavras).

— Chsmam me da Camara. Adeus, não me posso demorar. Vae por lá o diabo! Uma consagração dos pelouros. (Toca a campanha. Ao creado que apparece) — Mandepór a carruagem. (Um momento de silencio) Pois é como lhe digo. Não ha nada. Estamos todos na melhor harmonia, excepção do Antonio Duarte, que é todo mediodia...



POR AQUI, POR ALI E POR ACOLI

O *Diário Illustrado* tem agora um cronista para o inverno, ás segundas feiras. E' o nosso illustrado collega Manoel Piloto, para servir vossas senhorias.

Piloto em descriptivos é famoso e de uma originalidade extraordinaria, como vão vér:

«Tarde de outono, de sol a bater em reflexos grandes pelas latadas cheias de cachos louros.»

Outro qualquer escreveria:

«Tarde de outono, de sol a bater em reflexos louros pelas latadas cheias de cachos grandes.»

Mas não. Piloto é original e sae-se á barra no escalor dos exotismos. Vêde:

«O céu estava de um azul baço de poeirada ligeira, que, recamando-se no horizonte, lhe dava aquelle pesado vermelho sujo dos grandes calores do dia.»

Ora aqui está! O céu azul estava vermelho por causa da poeirada que se recamava no horizonte.

Ah cão... Piloto, sem menino da Mata!



Em Santo Thyrso tambem já ha poetas. Pelo menos um, o Sr. Paulino de Oliveira. Não sabemos se o pae d'elle tem olho, sendo provavel que o tenha; o filho tem apenas necessidade de um landreiro pelas costellas, por causa do estro e das patifarias que por via d'elle anda a fazer em Santo Thyrso:

Rasguei os livros para escrever-te;
Por teu amor despresei os sabios;
E em troca mal eu consigo lêr-te,
E só canções mandam-me teus labios.

Fugido á escola, puz-me a estudar
Nesses teus olhos d'um ceo sem fim,
E, por mais que os leia, á luz do amar,
D'elles sei menos do que de latim.

Flôr do telhado, oh minha esperança
Que andas curtindo olheiras á lua,
Vamos falar, que sem visinhança
Sabe melhor, a occultas da rua!

E um diabo d'estes foge á escola para andar
atraz da outra pelo telhado a declinar o
olho, olha.

Oh paes que tendes filhos!...



Epigraphe de uma noticia do *Jornal* d'ellas, do Porto:

—Ultimas notas da viagem de SS. MM. ao Porto.

Oh menino, quem foi que se agradeceu com ellas?



Philosophando sobre a nossa pobreza, o pensador Alfredo Gallis escrevia ha dias no *Tempo*:

«Desde remotas heras, que nos nossos habitos e costumes se conservam ainda varias tradições herdadas dos arabes.»

Hera? Não era hera o que o Sr. queria dizer? Era era.

O *Diário Illustrado* diz aos seus leitores, como noticia grata, que o Sr. Infante D. Afonso, no dia de Todos-os-Santos, fez um magusto na praia de Cascaes.

Nós achamos a noticia ingrata, porque julgamos de mau gosto que um principe faça magusto.

Pois, filhos, quem a sabe toda é o nosso Alfredo Gallis, que no *Tempo* nos communicou:

... E digo graças a Deus, porque neste andar da Torre Eiffel da vida encontra-se naturalmente montado o primeiro restaurant da philosophia das coisas, aquelle onde com o sorriso das descrenças e do tedio nos labios, servimos a nós proprios comidas frias, sem condimentos excitantes, e se bebe o mais fino e anti-alcoolico Sauter-ne do despreso, pela misera maluqueira dos homens.

E mais abaixo:

Que grandissimo asno que eu era!

Gallis anda com a obsessão do era. Ainda agora lhe dissemos que não era hera, que era era. E já hoje temos que voltar a dizer-lhe que não é era, que é... sou.

Pensamento do nosso presadissimo collega da *Nação*:

Metade d'um amigo é a metade d'um traidor.

Conforme a metade.

DITOS

A dona da casa, á creada:

—Joaquina! Estas cadeiras estão cobertas de poeira. Que quer isto dizer?!

—Ora, minha senhora, que quer isso dizer... quer dizer que ainda hoje ninguem se sentou nellas.

Começa a generalisar-se entre nós o costume de pôr mulheres ao balcão de certas casas de negocio, em graciosa alternativa com o nosso tão caracteristico caixeiro portuguez, de cabelo apartado ao meio e o mais galante sorriso á flor dos labios.

Numa loja da Rua dos Retrozeiros entrava hontem um illustre titular, muito entendido em questões de amor physiologico, e pedia ligas, ligas caras, do melhor que houvesse.

A caixeira, que é uma fresca e airosa rapariga, muito amavel, deita abaixo uma infinidade de caixas de cartão, e offerece á escolha do illustre titular as mais lindas ligas que ha no armazem.

—Quanto custam estas? pergunta o freguez, escolhendo um lindo par, de sêda côr de rosa, rendas de Bruxellas e fechos caros, de ouro.

—Vinte mil reis! responde-lhe a caixeira. E o freguez, sorrindo, amavel, sem imper-tinencia:

—Mas... vinte mil reis, postas no seu logar?



CANCIONEIRO POPULAR

(COM LICENÇA DO «DIÁRIO ILLUSTRADO»)

VI

Só em mim meu bem accende,
E' como um phosphoro amorpho;
Se chega um dia e lhe falta,
O pobre lá fica orfo!

Camulo:

A Companhia dos Tabacos expôndo á venda uma nova marca de charutos — sem fumo.



AGENCIA NACIONAL

DIRECTOR: AUGUSTO SOARES

Anuncios para os jornaes do paiz e estrangeiro.— Afixação de cartazes.—Publicidade em todos os generos.

Compures de journaux sur tous sujets et personalities.

RUA AUREA, 178.—TELEPHONE: 286

A. L. FREIRE



Com ateliers de gravura e grande estabelecimento de papelaria e officinas de typographia, lithographia e encadernador, fabrica de carimbos e suas machinas, armazem das letras esmaltadas, retratos a crayon, cutelaria, ferragens, perfumarias, etc., fundados em 1882.

Telephone 943.

RUA DO OURO, 158 a 164

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

AVISO AO PUBLICO

Ampliação das tarifas especies P. H. F. n.º 1, 2 e 3 de grande velocidade

1.º As tarifas P. H. F. n.º 1 e 2 para bilhetes de passa geiros, simples e de ida e volta, Portugal-França, são amplias, desde a data do presente, á estação de Paris (Quai d'Orsay), com os preços seguintes, correspondentes ao percurso francez, mantendo-se os dos percursos hespanhol e portuguez, bem como tudo o mais que consta das referidas tarifas:
BILHETES INTERIORES: Simples, 1.ª cl., fr. 22,15; 2.ª cl., 20,30; 3.ª cl., 16,65; ida e volta, 1.ª 156,75; 2.ª 93,45; 3.ª 61,00.
MEIOS BILHETES: Simples, 1.ª 46,10; 2.ª 31,15; 3.ª 20,30; ida e volta, 78,45; 46,60; 30,20.

EXCEDENTES DE BAGAGEM

De 0 a 5 kilogrammas—Franco	2,05
» 5 a 10 »	4,15
» 10 a 20 »	8,25
» 20 a 30 »	12,35
» 30 a 40 »	16,45
» 40 a 50 »	16,65
» 50 a 60 »	19,05
» 60 a 70 »	23,25
» 70 a 80 »	26,60
» 80 a 90 »	29,90
» 90 a 100 »	33,20
Mais de 100 kil., cada 10 kil.	3,25

2.º A tarifa P. H. F. n.º 3 para transporte de recovas gentes e generos frescos, fica tendo a sua classificacão augmentada com os seguintes artigos: Massas alimenticias e Uvas em dornas ou cascos, conservando-se no resto como está.

Lisboa, 17 de Outubro de 1900.

O director geral da Companhia—Chapuy.

ANUNCIO

CONCURSO

Transportes a domicilio na cidade de Lisboa

No dia 17 de Dezembro, pela 1 hora da tarde, na estação central de Lisboa (Rocio), perante a Commissão Executiva d'esta Companhia, serão abertas as propostas entregues até ás 12 horas da manhã do referido dia, para a execução do serviço de transporte, entre as estações de Lisboa (Santa Apolonia, Lisboa Central (Rocio) e Caes do Sodré e os domicilios dos expedidores ou consignatarios, de bagagens e remessas de grande ou pequena velocidade, que pelas mesmas estações hajam de transitar em destino ou procedencia das linhas da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

As propostas serão endereçadas, em carta fechada, á Direcção Geral d'esta Companhia, estação de Santa Apolonia, com a seguinte inscripcão: Proposta para o serviço de transportes a domicilio.
As condições estão patentes em Lisboa, no Serviço do Trafego, estação de Santa Apolonia, todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde.

Lisboa, 26 de Outubro de 1900.—O Director Geral da Companhia, Chapuy.



A ATTITUDE DO GOVERNO



Descascando as batatas